

Lehmann

Joana da Conceição Prata à Lua

27.09.2025

15.11.2025

PT

ES

EN

Lehmann

Joana da Conceição Prata à Lua

27.09.2025

15.11.2025

[PT]
Prata à Lua

Joana da Conceição

Estabelecer analogias entre objectos é uma habilidade comum da inteligência humana. Não raras vezes avançamos sobre objectos novos e desconhecidos estabelecendo conexões com objectos que nos são familiares.

Tomamos de empréstado ao rio a corrente para explicar o fluxo que corre nos fios eléctricos. À lua atiramos a prata. E o rio corre, mas não como nós. A corrente que é eléctrica não é a mesma que corre no rio, mas também é. E o sangue é o fluxo que corre nas nossas veias.

Vamos avançando sobre o mundo, de semelhança em semelhança. Usamos a linguagem para colar os objectos uns nos outros. Começamos e acabamos num mundo de objectos tangentes que desafia qualquer ensaio de mapa. Aprendemos e ensinamos assim.

A semelhança é reconfortante porque reflecte o domínio que desejamos ter sobre a matéria, e já agora sobre a energia. Sossega-nos saber que os objectos estão ao alcance da nossa compreensão e tornar o desconhecido próximo do familiar diminui a sensação de descontrolo face a um mundo avassaladoramente fora do nosso controlo.

Mas seremos nós capazes de abandonar o mundo das semelhanças quando precisamos irremediavelmente de uma renovada visão do mundo?

No final da década de 1970 verificou-se um raro alinhamento dos planetas externos do sistema solar, Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno. Este evento só acontece a cada 175 anos, o que representou uma oportunidade única. As sondas Voyager 1 e 2 foram lançadas pela Nasa em 1977 para explorar esses mesmos planetas. Mas antes das Voyager, a NASA lançou em 1972 e 1973, respectivamente, as sondas Pioneer 10 e 11. Enviadas também para essa mesma zona do sistema solar, desbravaram o terreno cósmico para as Voyager, testando a capacidade destes veículos de resistirem à passagem, quer pelo Cinturão de Asteróides, quer pela

poderosa magnetosfera de Júpiter. A missão foi um sucesso e as sondas continuaram caminho para o espaço interestelar.

Em 2003 recebemos o último contacto da Pioneer 10, estava a uma distância de 12,23 biliões de quilómetros. Este foi um sinal muito fraco o que indicava que provavelmente a sua fonte de energia se estava a esgotar e que este seria o seu último contacto. A sonda segue na direcção de Aldebaran, o olho vermelho de Touro, e estima-se que passe por esta gigante vermelha daqui a dois milhões de anos. Muito tempo... Há dois milhões de anos atrás as primeiras espécies humanas arcaicas, como o Homo Erectus, começavam a migrar de África.

Muda, sem poder estabelecer contacto com a Terra, a Pioneer 10 é agora uma nave fantasma a vaguear pelo cosmos. Mas esta assemblage metálica, não está totalmente perdida na vastidão, ela acalenta um desejo lançado no mar cósmico. O desejo de estabelecermos contacto com uma espécie alienígena.

Apesar de estar previsto que a Pioneer 10 só passará por Aldebaran, o olho esquerdo do touro, daqui a dois milhões de anos, ela já se encontra na constelação de Touro. Quão grande é este touro? Quão distante de nós está Touro?

As constelações são aglomerados de estrelas que identificamos no céu a partir do nosso ponto de observação na Terra. A maioria das estrelas que identificamos em asterismos estão muito distantes umas das outras e não têm nenhuma relação entre si a não ser a da nossa perspectiva. Touro é uma das doze constelações do zodíaco situada, como as restantes, na faixa zodiacal ao longo da Eclíptica, o aparente caminho do sol na esfera celeste. Esta esfera é uma construção intelectual, uma esfera abstracta, que não existe, um pano de fundo onde objectos celestes, com diferentes distâncias da Terra, se aglomeram. Durante séculos estes desenhos no céu têm vindo a ajudar a humanidade a contar os dias, os meses e os anos, assim como têm funcionado como valiosos auxiliares à navegação, na Terra e no espaço. Touro é uma ilusão que começa e acaba em nós.

As pinturas de grandes dimensões nesta exposição são paisagens cósmicas, constelações pintadas na esfera celeste, um tecido fictício cheio de pensamentos que vou fazendo crescer. Quando avançamos sobre uma constelação ela desfaz-se, desaparece, ficam as estrelas, esparsas. As pinturas de menores dimensões são estrelas. Avançar sobre uma ideia é desfazer a configuração inicial, é aceitar a transformação que a reflexão traz.

A analogia ensina-nos sobre a aproximação. Ajuda-nos a compreender que objectos que entendemos como distintos e afastados, de natureza diferentes, podem estar relacionados, pertencer ao mesmo sistema, ou até perceber que existem múltiplos sistemas cruzados. Mas a analogia é uma faculdade humana, e como tal limitada pela nossa biologia e cultura, e por isso sujeita ao preconceito. O conforto da analogia também é uma armadilha.

Conseguiremos nós pensar no que nos une ao mundo como uma prova da nossa participação num sistema mais amplo ou estaremos nós condenados a ver nas coincidências uma prova da superioridade humana?

Fora de nós só existe matéria e energia, é o nosso cérebro que cria e organiza o nosso mundo, pelo que podemos concluir que a nossa biologia determina a nossa percepção e concepção do mundo.

Não é difícil comprovarmos, através da nossa experiência individual, que as analogias visuais são as mais comuns. A hegemonia da visão de entre os cinco

sentidos é cultural. Vivemos numa cultura marcada pelas imagens, e acrescente-se, pela manipulação das imagens. O que demonstra a falta de imparcialidade que a confiança na interpretação dos nossos sentidos nos oferece, o que fatalmente nos condena à injustiça e ao retrocesso civilizacional.

As cores como as conhecemos não existem fora dos nossos cérebros. A cor é uma interpretação que o nosso corpo faz dos comprimentos de onda. Animais distintos vêm o mundo com cores distintas. O mundo está mais em ti que fora de ti.

A analogia, tal como as constelações, e já agora, a pintura, são instrumentos de navegação. E conseguiremos nós desapegarmo-nos das antigas formas de navegação para podermos integrar novas? A que alterações obrigará esta transformação? Teremos nós força e coragem para a mudança? Ou estaremos nós condenados a extinguir-nos por elas?

Ambas as Pioneers transportam pequenas placas com um diagrama que pretende identificar o seu local de origem, a sua época e a espécie que as produziu. Estas pequenas placas foram concebidas por Carl Sagan, Frank Drake e Linda Salzman Sagan. Apesar de serem chamadas de diagramas, as representações do homem e da mulher estão reduzidas ao seu aspecto externo. Nus e de frente, este casal ecoa as representações de Adão e Eva que nos habituamos a ver, deixando claro o apego ao arquétipo humano binário e de tradição ocidental que continua a marcar a autorepresentação da nossa espécie. O Adão libertou-se da parra, mas a Eva não. Mas nesta história, o que é mais curioso, é o facto de que o desenho inicial era o do um homem e uma mulher de mãos dadas que terá sido rejeitado por poder indicar tratar-se de um só organismo e não de dois indivíduos.

A perspectiva individualista certamente está de acordo com a forma como nos sentimos e organizamos no mundo, mas é essa mesma perspectiva que julgo precisarmos de desfazer. O corpo humano não é um organismo isolado, é poroso, vive em permanente reciclagem biológica e funciona num sistema muito mais amplo e que contempla outras formas de vida. Não existem fronteiras entre os nossos corpos e a vida que o circunda e permeia. Nem nós vivemos uns sem os outros. Vivemos num fluxo permanente, onde periodicamente, a ritmos diferentes, grande parte dos átomos do nosso corpo se vão renovando. A integridade do corpo humano é uma falácia e a versão rejeitada da placa constituiria, apesar de tudo, um diagrama mais completo, exactamente porque os dois organismos não se poderiam distinguir claramente.

SETEMBRO DE 2025

01.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Prata à Lua", 2025

Pigmento, acrílico e imitação
de folha de prata sobre tela
195 x 150 cm

02.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Dentro da Forma", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela
100 x 62 cm

03.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Mineral", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela, suportes
de madeira com folha de alumínio colorida
51,5 x 36,5 x 14 cm

04.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Cascata", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela
234,5 x 64,5 cm

05.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Balão", 2025

Acrílico sobre tela, fibra de enchimento,
folha de alumínio e fio de algodão
34,5 x 32 x 9,5 cm

06.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Satélite", 2025

Acrílico sobre tela, estrutura de madeira
e MDF, folha de cobre
30 x 30 x 13 cm

07.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Mary Jane & Julius", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela (díptico),
dobradiça de latão
44 x 31,5 x 15 cm

08.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Hipérbole Infinita", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela
172 x 147 cm

09.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Cheikha Rimitti", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela
39 x 29 cm

10.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Lótus", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela,
suporte de madeira e MDF, motor giratório
95 x 95 x 28 cm

11.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Está mais em Ti", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela

Ø 20 cm

12.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Água Viva", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela (díptico),
dobradiça de latão

62 x 39 x 10,5 cm

13.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Heavenly Persona (Munch)", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela (díptico),
recortes de grades de MDF

85 x 50 cm

14.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Heavenly Persona (Shizuka)", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela, suportes
de madeira com folha de alumínio colorida

68,5 x 36 x 14 cm

15.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Pannonica", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela (díptico),
cordas e anilhas de latão

25 x 50 x 70 cm

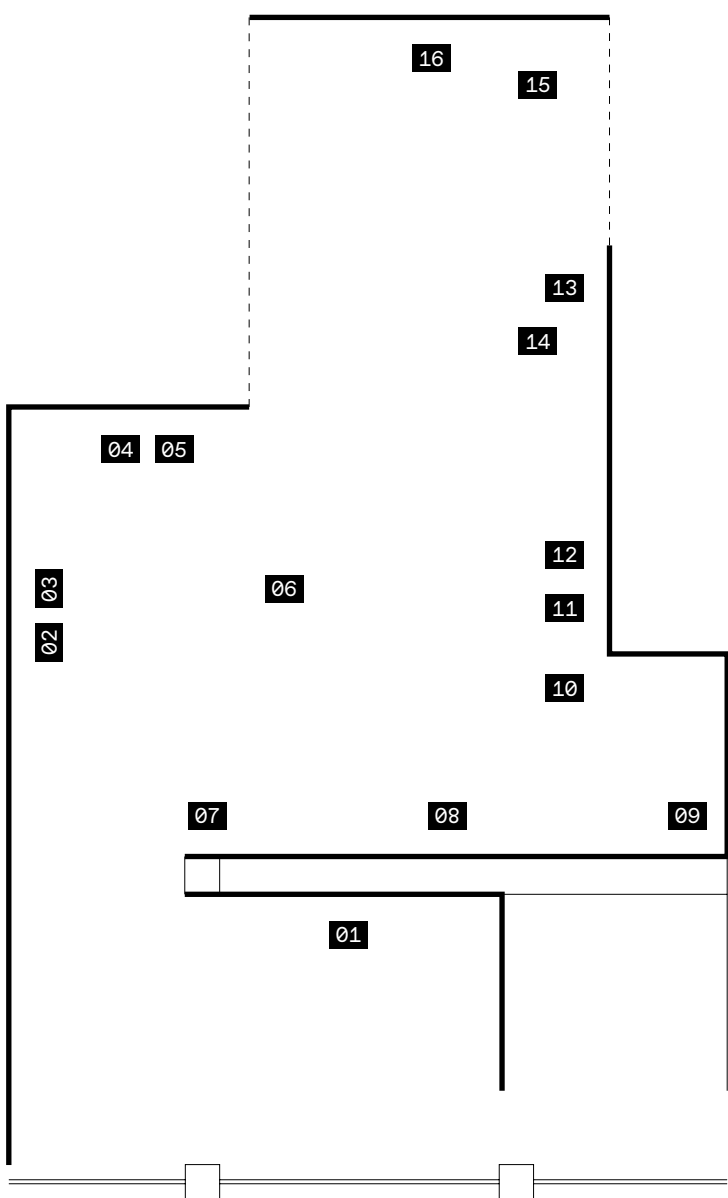
16.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Expectativa", 2025

Pigmento e acrílico sobre tela

187 x 151,2 cm

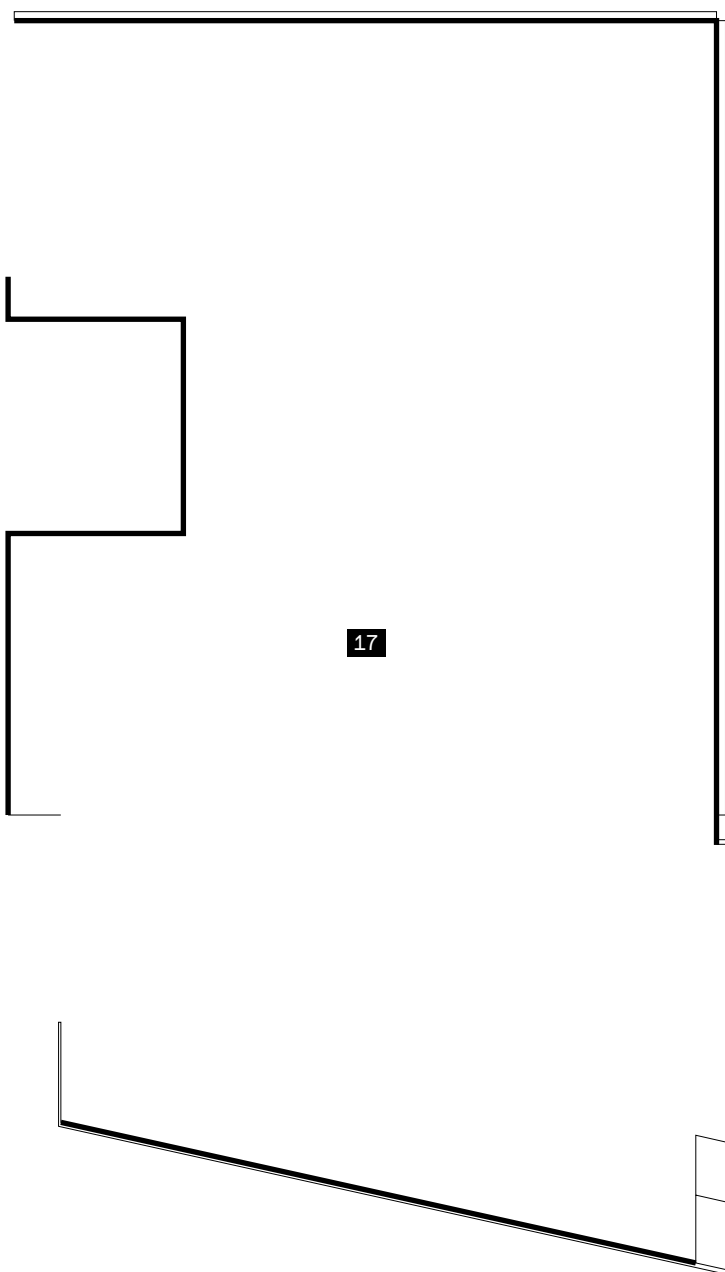


17.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Atraso de uma Cobra", 2025

Instalação sonora: música pela Tropa Macaca (Joana da Conceição & André Abel) 10'00'', gravada em fita magnética e desacelerada. Leitor de bobines, amplificador, colunas, mesa de vidro, colchões e luz ultravioleta.



Lehmann

Joana da Conceição Prata à Lua

27.09.2025

15.11.2025

[ES]

Plata a la Luna

Joana da Conceição

Establecer analogías entre objetos es una habilidad común de la inteligencia humana. No pocas veces avanzamos sobre objetos nuevos y desconocidos estableciendo conexiones con aquellos que nos son familiares.

Tomamos prestada del río la corriente para explicar el flujo que corre en los hilos eléctricos. A la luna le lanzamos la plata. Y el río corre, pero no como nosotros. La corriente que es eléctrica no es la misma que fluye en el río, pero también lo es. Y la sangre es el flujo que corre en nuestras venas.

Avanzamos sobre el mundo, de semejanza en semejanza. Usamos el lenguaje para pegar los objetos unos con otros. Comenzamos y terminamos en un mundo de objetos tangentes que desafía cualquier intento de mapa. Aprendemos y enseñamos así.

La semejanza es reconfortante porque refleja el dominio que deseamos tener sobre la materia, y ya que estamos, sobre la energía. Nos tranquiliza saber que los objetos están al alcance de nuestra comprensión, y hacer que lo desconocido se acerque a lo familiar disminuye la sensación de descontrol frente a un mundo abrumadoramente fuera de nuestro control.

¿Pero seremos capaces de abandonar el mundo de las semejanzas cuando necesitamos irremediablemente de una visión renovada del mundo?

A finales de la década de 1970 se produjo un raro alineamiento de los planetas externos del sistema solar: Júpiter, Saturno, Urano y Neptuno. Este evento solo ocurre cada 175 años, lo que representó una oportunidad única. Las sondas Voyager 1 y 2 fueron lanzadas por la NASA en 1977 para explorar esos mismos planetas. Pero antes de las Voyager, la NASA había lanzado en 1972 y 1973, respectivamente, las sondas Pioneer 10 y 11. Enviadas también a esa misma zona del sistema solar, abrieron camino en el

terreno cósmico para las Voyager, probando la capacidad de estos vehículos para resistir el paso tanto por el Cinturón de Asteroides como por la poderosa magnetosfera de Júpiter. La misión fue un éxito y las sondas continuaron su trayecto hacia el espacio interestelar.

En 2003 recibimos el último contacto de la Pioneer 10, cuando se encontraba a una distancia de 12,23 billones de kilómetros. Esta señal muy débil indicaba que probablemente su fuente de energía se estaba agotando y que ese sería su último contacto. La nave sigue en dirección a Aldebarán, el ojo rojo de Tauro, y se estima que pasará junto a esa gigante roja dentro de dos millones de años. Mucho tiempo... Hace dos millones de años, las primeras especies humanas arcaicas, como el Homo erectus, comenzaban a migrar de África.

Muda, sin poder establecer contacto con la Tierra, la Pioneer 10 es ahora una nave fantasma que vaga por el cosmos. Pero esta ensambladura metálica no está totalmente perdida en la vastedad: abriga un deseo lanzado al mar cósmico. El deseo de establecer contacto con una especie alienígena.

A pesar de que está previsto que la Pioneer 10 solo pase por Aldebarán, el ojo izquierdo del toro, dentro de dos millones de años, ya se encuentra en la constelación de Tauro. ¿Qué tan grande es ese toro? ¿Qué tan distante está Tauro de nosotros?

Las constelaciones son aglomeraciones de estrellas que identificamos en el cielo desde nuestro punto de observación en la Tierra. La mayoría de las estrellas que reconocemos en asterismos están muy distantes unas de otras y no guardan ninguna relación entre sí, salvo la de nuestra perspectiva. Tauro es una de las doce constelaciones del zodiaco, situada —como las demás— en la franja zodiacal a lo largo de la eclíptica, el aparente camino del Sol en la esfera celeste. Esta esfera es una construcción intelectual, una esfera abstracta que no existe, un telón de fondo donde objetos celestes a diferentes distancias de la Tierra se aglomeran. Durante siglos, esos dibujos en el cielo han ayudado a la humanidad a contar los días, los meses y los años, y han funcionado como valiosos auxiliares de la navegación, tanto en la Tierra como en el espacio. Tauro es una ilusión que empieza y termina en nosotros.

Las pinturas de gran formato en esta exposición son paisajes cósmicos: constelaciones pintadas en la esfera celeste, un tejido ficticio lleno de pensamientos que voy dejando crecer. Cuando avanzamos sobre una constelación, esta se deshace, desaparece, y solo permanecen las estrellas, dispersas. Las pinturas de menor formato son estrellas. Avanzar sobre una idea es deshacer la configuración inicial; es aceptar la transformación que la reflexión trae consigo.

La analogía nos enseña sobre la aproximación. Nos ayuda a comprender que objetos que entendemos como distintos y lejanos, de naturalezas diferentes, pueden estar relacionados, pertenecer al mismo sistema, o incluso hacernos ver que existen múltiples sistemas entrecruzados. Pero la analogía es una facultad humana y, como tal, limitada por nuestra biología y cultura, y por lo tanto sujeta al prejuicio. El confort de la analogía también es una trampa.

¿Lograremos pensar en lo que nos une al mundo como una prueba de nuestra participación en un sistema más amplio, o estaremos condenados a ver en las coincidencias una prueba de la superioridad humana?

Fuera de nosotros solo existen materia y energía; es nuestro cerebro el que crea y organiza nuestro mundo, de modo que podemos concluir que nuestra biología determina nuestra percepción y concepción de ese mundo.

No es difícil comprobar, a partir de nuestra experiencia individual, que las analogías visuales son las más comunes. La hegemonía de la visión entre los cinco sentidos es cultural. Vivimos en una cultura marcada por las imágenes y, además, por la manipulación de las imágenes. Esto demuestra la falta de imparcialidad que la confianza en la interpretación de nuestros sentidos nos ofrece, lo que fatalmente nos condena a la injusticia y al retroceso civilizacional.

Los colores, tal como los conocemos, no existen fuera de nuestros cerebros. El color es una interpretación que nuestro cuerpo hace de las longitudes de onda. Animales distintos ven el mundo con colores distintos. El mundo está más en ti que fuera de ti.

La analogía, al igual que las constelaciones y, ya que estamos, la pintura, son instrumentos de navegación. ¿Y podremos desapegarnos de las antiguas formas de navegación para integrar nuevas? ¿Qué transformaciones nos exigirá este cambio? ¿Tendremos la fuerza y el coraje para afrontarlo? ¿O estaremos condenados a extinguirnos a causa de él?

Ambas Pioneer transportan pequeñas placas con un diagrama que pretende identificar su lugar de origen, su época y la especie que las produjo. Estas placas fueron concebidas por Carl Sagan, Frank Drake y Linda Salzman Sagan. A pesar de ser denominadas diagramas, las representaciones del hombre y la mujer se reducen a su aspecto externo. Desnudos y de frente, este par evoca las representaciones de Adán y Eva a las que nos hemos acostumbrado, dejando claro el apego al arquetipo humano binario y de tradición occidental que sigue marcando la autorrepresentación de nuestra especie. Adán se liberó de la hoja de parra, pero Eva no. Sin embargo, lo más curioso en esta historia es el hecho de que el dibujo inicial mostraba a un hombre y a una mujer tomados de la mano, lo cual fue rechazado porque podría interpretarse como un solo organismo y no dos individuos.

La perspectiva individualista ciertamente concuerda con la forma en que nos sentimos y nos organizamos en el mundo, pero es justamente esa perspectiva la que considero necesario deshacer. El cuerpo humano no es un organismo aislado: es poroso, vive en permanente reciclaje biológico y funciona en un sistema mucho más amplio que contempla otras formas de vida. No existen fronteras entre nuestros cuerpos y la vida que los circunda y permea. Tampoco vivimos unos sin los otros. Vivimos en un flujo permanente donde, periódicamente y a distintos ritmos, gran parte de los átomos de nuestro cuerpo se van renovando. La integridad del cuerpo humano es una falacia, y la versión rechazada de la placa habría constituido, pese a todo, un diagrama más completo, precisamente porque los dos organismos no se podrían distinguir con claridad.

SEPTIEMBRE DE 2025

1.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Prata à Lua", 2025

Pigmento, acrílico e imitación de pan de
plata sobre lienzo
195 x 150 cm

2.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Dentro da Forma", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo
100 x 62 cm

3.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Mineral", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo, soportes
de madera con pan de aluminio coloreado
51,5 x 36,5 x 14 cm

4.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Cascata", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo
234,5 x 64,5 cm

5.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Balão", 2025

Acrílico sobre lienzo, fibra de relleno, pan
de aluminio y hilo de algodón
34,5 x 32 x 9,5 cm

6.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Satélite", 2025

Acrílico sobre lienzo, estructura de madera
y MDF, pan de cobre
30 x 30 x 13 cm

7.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Mary Jane & Julius", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo (díptico),
bisagra de latón
44 x 31,5 x 15 cm

8.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Hipérbole Infinita", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo
172 x 147 cm

9.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Cheikha Rimitti", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo
39 x 29 cm

10.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Lótus", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo, soporte de
madera y MDF, motor giratorio
95 x 95 x 28 cm

11.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Está mais em Ti", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo

Ø 20 cm

12.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Água Viva", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo (díptico),
bisagra de latón

62 x 39 x 10,5 cm

13.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Heavenly Persona (Munch)", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo (díptico),
recortes de rejillas de MDF

85 x 50 cm

14.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Heavenly Persona (Shizuka)", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo, soportes
de madera con pan de aluminio coloreado

68,5 x 36 x 14 cm

15.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Pannonica", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo (díptico),
cuerdas y arandelas de latón

25 x 50 x 70 cm

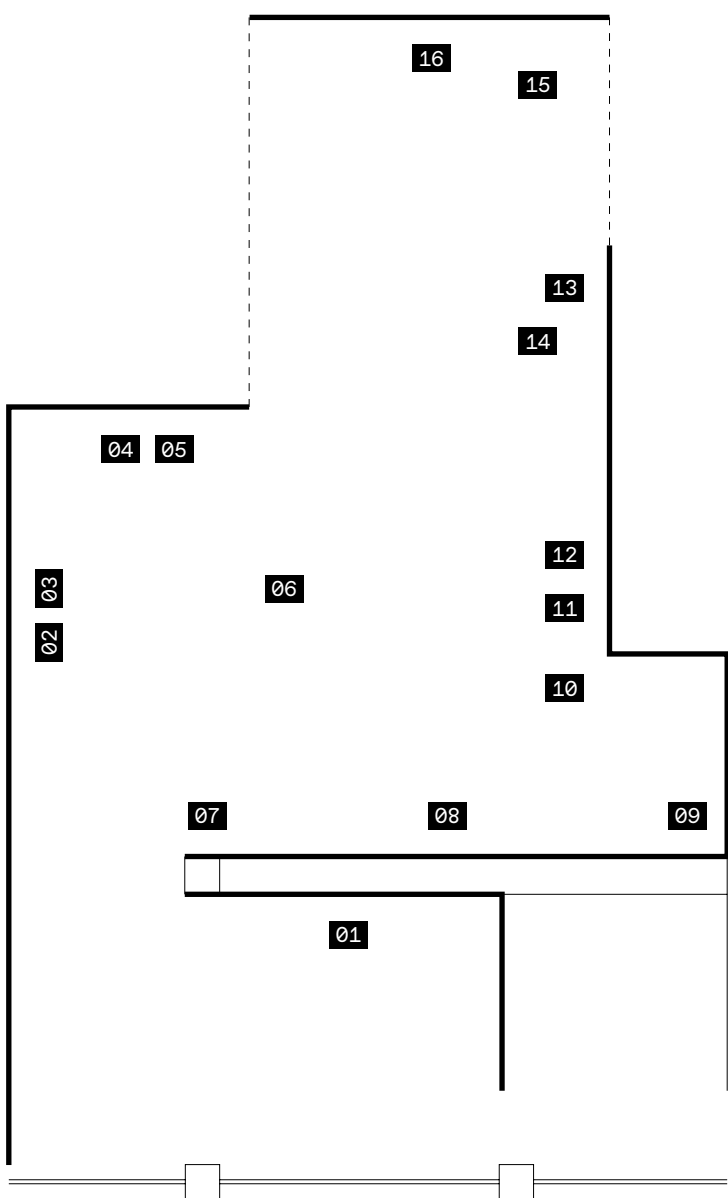
16.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Expectativa", 2025

Pigmento y acrílico sobre lienzo

187 x 151,2 cm



17.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Atraso de uma Cobra", 2025

Instalación sonora: música por Tropa Macaca (Joana da Conceição & André Abel) 10'00'', grabada en cinta magnética y desacelerada.

Reproductor de bobinas, amplificador, altavoces, mesa de vidrio, colchones y luz ultravioleta.



Lehmann

Joana da Conceição Prata à Lua

27.09.2025

15.11.2025

[EN]
Silver to Moon

Joana da Conceição

Establishing analogies between objects is a common facet of human intelligence. We often approach new and unknown objects by establishing connections with other objects that we are already familiar with.

We borrow the current from the river in order to explain the flow that runs through electric wires. And we throw silver at the moon. And the river flows, but not like us. The electric current is not the same as the one that flows in the river, but yet it also is. And blood is the current that flows through our veins.

We continue to make our way through the world, from similarity to similarity. We use language to glue objects together. We begin and end in a world filled with tangential objects that defies any attempt we might make to map it. This is the way that we learn and teach.

Similarity is comforting because it reflects the mastery we wish to exercise over matter, and, while we're about it, over energy too. It reassures us to know that objects are within reach of our understanding, and making the unknown familiar to us diminishes our sense of helplessness when faced with a world that is overwhelmingly beyond our control.

But are we capable of abandoning the world of similarities when we desperately need to renew our vision of the world?

At the end of the 1970s, there was a rare alignment of the outer planets of the solar system: Jupiter, Saturn, Uranus and Neptune. This event only takes place every 175 years, so that it represented a unique opportunity. The Voyager 1 and 2 probes were launched by NASA in 1977 to explore these same planets. But, even before Voyager, NASA had already launched the Pioneer 10 and 11 probes in 1972 and 1973, respectively. Also despatched to the same area of the solar system, these probes paved the way for

Voyager, testing the capacity of these vehicles to withstand their passage through both the Asteroid Belt and Jupiter's powerful magnetosphere. The mission was a success and the probes continued on their way into interstellar space.

In 2003, we received the last contact from Pioneer 10, which was 12.23 billion kilometres away. It was a very weak signal, indicating that its power source was probably running out and that this would be its last contact. The probe is heading towards Aldebaran, the red eye of Taurus, and it is estimated that it will pass this red giant in two million years. A very long time... Two million years ago, the first archaic human species, such as Homo Erectus, began to migrate from Africa.

Silent and unable to establish contact with Earth, Pioneer 10 is now a ghost spaceship wandering through the cosmos. But this metallic assemblage is not totally lost in the vast emptiness; it nurtures a desire that we launched into the cosmic sea. The desire to establish contact with an alien species.

Although Pioneer 10 is not expected to pass Aldebaran, the bull's left eye, for another two million years, it is already in the constellation of Taurus. How big is this bull? How far away from us is Taurus?

Constellations are clusters of stars that we identify in the sky from our vantage point on Earth. Most of the stars that we identify in asterisms are very distant from one another and there is no relation between them except when they are viewed from our perspective. Taurus is one of the twelve constellations of the Zodiac, located, like the others, in the zodiacal band along the Ecliptic, the apparent path of the Sun in the celestial sphere. This sphere is an intellectual construct, an abstract sphere that does not exist, a backdrop where celestial objects, at different distances from Earth, cluster together. For centuries, these patterns in the sky have helped humanity to count the days, months and years, while also serving as valuable aids to navigation, on Earth and in space. Taurus is an illusion that begins and ends in us.

The large paintings at this exhibition are cosmic landscapes, constellations painted in the celestial sphere, a fictional fabric full of thoughts that I am making grow. When we move towards a constellation, it breaks up and disappears, but the stars remain, scattered. The smaller paintings are stars. Advancing towards an idea means undoing the initial configuration, accepting the transformation that our reflection brings.

Analogy teaches us about approximation. It helps us to understand that objects we perceive as distinct and separate from one another, with different natures, may be related, may belong to the same system, or even to realise that there are multiple intersecting systems. But analogy is a human faculty, and as such is limited by our biology and culture, and therefore subject to bias. The comfort that analogy offers us is also a trap.

Can we think of what unites us with the world as proof of our participation in a larger system, or are we doomed to see coincidences as proof of human superiority?

Outside us there is only matter and energy; it is our brain that creates and organises our world, so that we can conclude that our biology determines our perception and conception of the world.

It is not difficult to prove, through our own individual experience, that visual analogies are the most common of all. The hegemony of sight among the five senses is a cultural phenomenon. We live in a culture marked by images and, it should be added, by the manipulation of images. This

demonstrates the lack of impartiality that our reliance on the interpretation of our senses offers us, which, in turn, inevitably condemns us to injustice and civilisational regression.

Colours as we know them do not exist outside our brains. Colour is our body's interpretation of wavelengths. Different animals see the world in different colours. The world is more inside you than outside you.

Analogies, just like constellations, and indeed painting, are instruments of navigation. Will we be able to detach ourselves from the old forms of navigation in order to incorporate new ones? What changes will this transformation require? Will we have the strength and courage to make these changes? Or are we doomed to extinction because of them?

Both Pioneers carry small plaques with a diagram intended to identify their place of origin, their era, and the species that produced them. These small plaques were designed by Carl Sagan, Frank Drake and Linda Salzman Sagan. Although they are called diagrams, the representations of a man and a woman are limited to their external appearance. Naked and facing each other, this couple echoes the representations of Adam and Eve that we are accustomed to seeing, making it clear that our attachment to the binary human archetype and Western tradition continues to mark the self-representation of our species. Adam freed himself from the fig leaf, but Eve did not. But what is most curious about this story is the fact that the initial drawing was of a man and a woman holding hands; this was, however, rejected because it might indicate that they were a single organism rather than two individuals.

The individualistic perspective is certainly in line with the way in which we feel and organise ourselves in the world, but it is this very perspective that I believe we need to undo. The human body is not an isolated organism, it is porous, it lives in a state of permanent biological recycling and functions within a much broader system that encompasses other forms of life. There are no boundaries between our bodies and the life that surrounds and permeates them. Nor do we live without others. We live in a state of permanent flux, where periodically, and at different rates, most of the atoms in our bodies are renewed. The integrity of the human body is a fallacy, and the rejected version of the plaque would, after all, be a more complete diagram, precisely because the two organisms could not be clearly distinguished.

SEPTEMBER 2025

Translated by John Elliott

01.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Prata à Lua", 2025

Pigment, acrylic and imitation
silver leaf on canvas
195 x 150 cm

02.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Dentro da Forma", 2025

Pigment and acrylic on canvas
100 x 62 cm

03.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Mineral", 2025

Pigments and acrylic on canvas, wooden
stands with coloured aluminium foil
51,5 x 36,5 x 14 cm

04.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Cascata", 2025

Pigment and acrylic on canvas
234,5 x 64,5 cm

05.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Balão", 2025

Acrylic on canvas, fibre fill,
aluminium foil and cotton thread
34,5 x 32 x 9,5 cm

06.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Satélite", 2025

Acrylic on canvas, wooden and
MDF structure, copper sheet
30 x 30 x 13 cm

07.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Mary Jane & Julius", 2025

Pigment and acrylic on canvas (diptych),
brass hinge
44 x 31,5 x 15 cm

08.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Hipérbole Infinita", 2025

Pigment and acrylic on canvas
172 x 147 cm

09.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Cheikha Rimitti", 2025

Pigment and acrylic on canvas
39 x 29 cm

10.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Lótus", 2025

Pigment and acrylic on canvas,
wooden and MDF stand, rotating motor
95 x 95 x 28 cm

11.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Está mais em Ti", 2025

Pigment and acrylic on canvas

Ø 20 cm

12.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Água Viva", 2025

Pigment and acrylic on canvas (diptych),
brass hinge

62 x 39 x 10,5 cm

13.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Heavenly Persona (Munch)", 2025

Pigment and acrylic on canvas (diptych), MDF
stretcher cut-outs

85 x 50 cm

14.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Heavenly Persona (Shizuka)", 2025

Pigments and acrylic on canvas, wooden
stands with coloured aluminium foil

68,5 x 36 x 14 cm

15.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Pannonica", 2025

Pigment and acrylic on canvas (diptych),
ropes and brass washers

25 x 50 x 70 cm

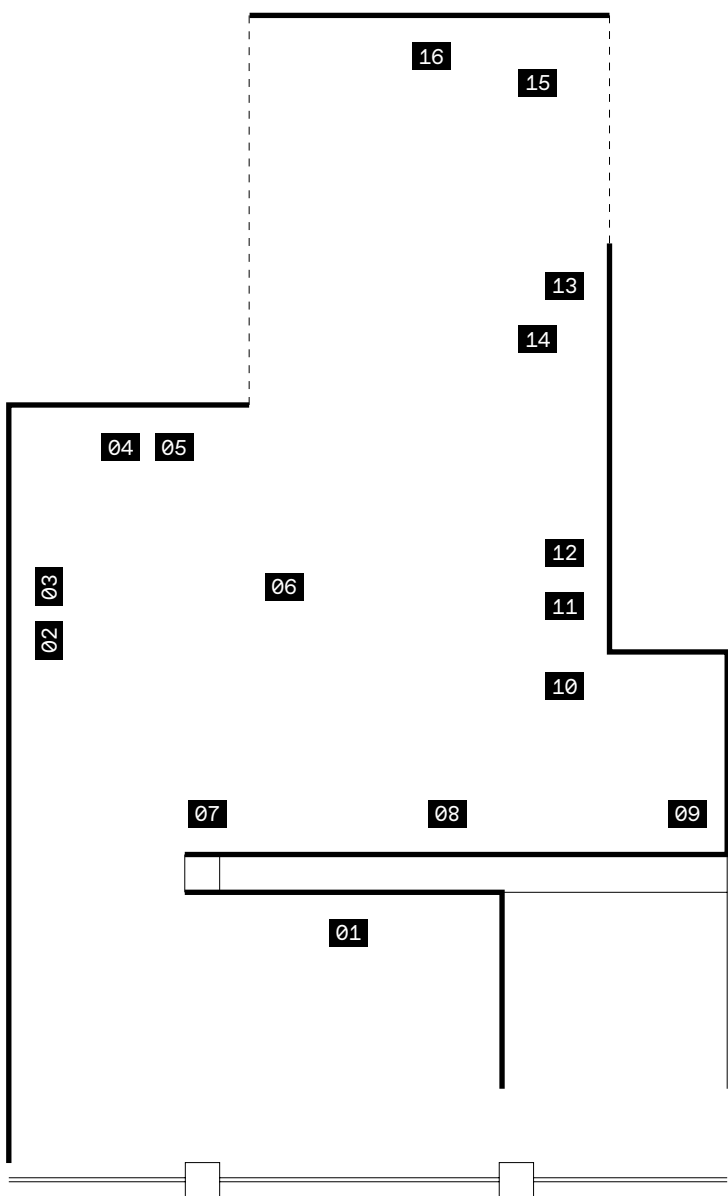
16.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Expectativa", 2025

Pigment and acrylic on canvas

187 x 151,2 cm



17.

JOANA DA CONCEIÇÃO

"Atraso de uma Cobra", 2025

Sound installation: music by Tropa Macaca
(Joana da Conceição & André Abel) 10'00'',
recorded on magnetic tape and slowed down.
Reel-to-reel player, amplifier, speakers,
glass table, mattresses and
ultraviolet light.

